

Ana Lúcia Gomes da Silva
Váldina Gonçalves da Costa
Diego Carlos Pereira
(Organizadores)

ATELIÊS DE PESQUISA

formação de professores(as)-pesquisadores(as)
e métodos de pesquisa em educação



Universidade do Estado da Bahia – UNEB

José Bites de Carvalho

Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Ávila

Vice-Reitor



Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Diretora

Sandra Regina Soares

Conselho Editorial

Titulares

Alan da Silva Sampaio
Darcy Ribeiro de Castro
Elizeu Clementino de Souza
Gabriela Sousa Rêgo Pimentel
Jane Adriana Vasconcelos P. Rios
Luiz Carlos dos Santos
Maria das Graças de Andrade Leal
Obdália Santana Ferraz Silva
Reginaldo Conceição Cerqueira
Rosemary Lapa de Oliveira
Rudval Souza da Silva
Simone Leal Souza Coité
Hugo Saba Pereira Cardoso
Valquíria Claudete Machado Borba

Suplentes

Eduardo José Santos Borges
Maristela Casé Costa Cunha
Isaura Santana Fontes
Agripino Souza Coelho Neto
Marilde Queiroz Guedes
Nilson Roberto da Silva Gimenes
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro
Monalisa dos Reis Aguiar Pereira
Marcos Antonio Vanderlei
Marcos Aurélio dos Santos Souza
Mônica Beltrame
Célia Tanajura Machado
Marluce Alves dos Santos
Marcos Bispo dos Santos

Ana Lúcia Gomes da Silva
Váldina Gonçalves da Costa
Diego Carlos Pereira
(Organizadores)

ATELIÊS DE PESQUISA

**formação de professores(as)-pesquisadores(as)
e métodos de pesquisa em educação**

Salvador
EDUNEB
2020

© 2020 Autores

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma
idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil em 2020.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Revisão textual (português) e Normalização

Caique Zen | Tikinet

Revisão textual (espanhol)

Glaiane Quinteir | Tikinet

Diagramação e Capa

George Luís Cruz Silva

Revisão de textual de prova

Rita de Cássia de Carvalho Canário

Revisão de diagramação de prova

Sidney Silva

Imagem da Capa

Starline / Freepik

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Silva, Ana Lúcia Gomes da

Ateliês de Pesquisa: formação de professores(as)-pesquisadores(as) e métodos
de pesquisa em educação/ Organizadopor: Ana Lúcia Gomes da Silva; Váldina
Gonçalves da Costa e Diego Carlos Pereira. – Salvador: EDUNEB, 2020.

197 p.: il.

ISBN 978-65-88211-02-1

1. Educação. 2. Formação docente. I. Costa, Váldina Gonçalves da. II. Pereira,
Diego Carlos.

CDD: 371

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

portal.uneb.br

Esta Editora é filiada à



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO ENCONTROS TECIDOS EM REDE COLABORATIVA: PESQUISA E VIDA AGENCIADAS	13
Ana Lúcia Gomes da Silva Váldina Gonçalves da Costa Diego Carlos Pereira	
O MÉTODO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: ATELIÊ DE PESQUISA COMO DISPOSITIVO FORMATIVO	27
Ana Lúcia Gomes da Silva Váldina Gonçalves da Costa	
O MÉTODO DA CARTOGRAFIA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: CARTOGRAFIAS EM ABERTO	69
Lucemberg Rosa de Oliveira Jacy Bandeira Almeida Nunes Josianne da Silva Lima	
LA INVESTIGACIÓN-ACCIÓN: MODELO DE INVESTIGACIÓN Y CONTRIBUCIONES A LA FORMACIÓN DOCENTE	91
Marta Anadón	
EL PENSAMIENTO CRÍTICO EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES EN EDUCACIÓN A DISTANCIA	117
Jaime Andrés Torres Ortiz	

**TEMATIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE
INTERPRETAÇÃO DE DADOS NAS PESQUISAS
QUALITATIVAS: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E
METODOLÓGICAS** 145

Helena Amaral da Fontoura
Maikson Damasceno Fonseca Machado
Nilcelio Sacramento de Sousa

**HISTÓRIA ORAL E NARRATIVAS NA PESQUISA EM
EDUCAÇÃO** 173

Diego Carlos Pereira

SOBRE OS AUTORES 193

APRESENTAÇÃO

ENCONTROS TECIDOS EM REDE

COLABORATIVA: PESQUISA E VIDA

AGENCIADAS

“[...] A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado. [...]”
Manoel de Barros (2015, p. 102)

“[...] Ponta de areia, ponto final.
Da Bahia a Minas, estrada natural.
Que ligava Minas ao porto, ao mar. [...]”

Fernando Brant; Milton Nascimento (1975)

Este livro é resultado de encontros acadêmicos gestados em rede colaborativa que transcenderam a “expressão reta”, instados pela preocupação com a pesquisa em educação e, conseqüentemente, com a formação de professores(as)-pesquisadores(as). Desse modo, buscamos a inspiração poética nas epígrafes de Manoel de Barros e de Fernando Brant e Milton Nascimento para escrever a seis mãos a apresentação desta coletânea. No decorrer dos encontros, ousamos e nos arriscamos a “[...] não usar o traço acostumado [...]” (BARROS, 2015), e com esses ousados riscos geramos desassossegos em nós

e nos grupos de pesquisa da Bahia e de Minas Gerais envolvidos nesses encontros repletos de tensionamentos e inquietações.

Ao longo da travessia, descobrimos que gestamos pesquisa e vida entrelaçadas e fizemos amigos e amigas no encontro promissor entre Minas e Bahia. Nessa “estrada natural que ligava Minas ao porto, ao mar [...]” (PONTA..., 1975), lançamos sonhos nas ondas do mar para chegar ao porto por meio de metas e planos comuns. Afinal, aprendemos que sonhos não envelhecem, pois são gestados de desejos que se fazem potentes, com seus agenciamentos e ressonâncias.

Aprendemos, pois, com Deleuze e Parnet (1998, p. 13), que “[...] encontrar é achar, é capturar, é raptar, mas não há método para encontrar nada, senão uma longa preparação [...]”. Se já tínhamos achado os grupos, capturados pela pesquisa no campo educacional, passamos à fase da preparação, que se fez ao longo de 2017, no estágio de pós-doutoramento¹ que moveu uma de nós da Bahia a Minas, “Ponta de areia, ponto final [...]” (PONTA..., 1975).

Dessa experiência, aprendemos também que o processo de criação é repleto de desafios, de idas e vindas e de areia lançada ao vento, até que sua materialidade se faz robusta nos fios da rede onde os encontros se entrelaçam. Portanto, além dos encontros sistemáticos dos grupos de pesquisa, realizados semanalmente, organizamos os Ateliês de Pesquisa, quinzenalmente, para tecer reflexões e escritas coletivas.

Dessa forma, para ampliar nossa rede de escrita e tornar o livro possível, remetemos ao agenciamento de desejos coletivos,

¹ Pós-doutorado realizado pela docente Ana Lúcia Gomes da Silva na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), sob a supervisão de Váldina Gonçalves da Costa. No estágio de pós-doutoramento foram realizados os Ateliês de Pesquisa.

de outros “nós”. Este, portanto, é um livro produzido como encontro e agenciamento, movido por escritas desejosas de lançar outros modos de fazer pesquisa em educação, de gerar amizades e afetos e provocar tensões e estranhamentos, curiosidades moventes e experiências que nos tocam, que nos afetam. Pois o que dá sentido à vida não é a verdade, mas a experiência, pela potência de se libertar de certas verdades cristalizadas e se mover pelo encontro e pelas modulações dessa liberdade, pelo movimento e pelo desejo de fazer do encontro um acontecimento.

O ato de “[...] agenciar remete a um processo de criação, seja artístico ou científico [...]” (SOUZA, 2012, p. 29). Nele, entram em ação múltiplos agentes, que podem ser de natureza humana ou inumana, corpórea ou incorpórea. Os múltiplos agentes se fazem presentes nesta obra de distintas maneiras, na avaliação dos artigos pelos pares e no convite aos(as) autores(as) convidados(as) a tecer a rede de encontros a partir dos territórios existenciais que habitam e compõem seus fazeres, estudos e conhecimentos significativos, os quais contribuirão para a pesquisa na área da educação.

Assim, além de pesquisadores de Minas e da Bahia, juntaram-se a nós colegas do Rio de Janeiro, do Canadá e da Colômbia que, instados pelo convite dos organizadores, compuseram artigos para este *Ateliês de Pesquisa: formação de professores(as)-pesquisadores(as) e métodos de pesquisa em educação*.

Este livro foi configurado através do trabalho em rede realizado pelos grupos:

1. Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Cultura (Gepeduc), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM desde 2012. Seus estudos pensam a educação como prática sociocultural que se realiza em espaços escolares e não

escolares. O Gepeduc analisa práticas educativas e questões de identidade profissional, tendo como foco a formação inicial e continuada de professores(as). Atualmente, o Gepeduc tem projetos em andamento com o grupo baiano por meio da Rede de Pesquisa sobre a Profissão Docente. Suas atividades têm contribuído para formar professores(as) tanto na educação básica quanto no ensino superior.

2. Grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (Difeba), cadastrado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da UNEB desde 2015. Ocupa-se dos processos formativos em contextos de diversidade e investiga práticas pedagógicas e discursivas, refletindo sobre os desafios da formação profissional. Seu foco está nas estratégias de ensino, na formação docente e em seus efeitos de sentido nas interseções de gênero, deficiências, raça/cor e sexualidades. Composto por professores(as)-pesquisadores(as), docentes da educação básica e graduandos e pós-graduandos, o grupo aborda de modo multidisciplinar a relação entre educação básica e universidade e as possibilidades de articulação e pesquisa colaborativa. Atualmente, o Difeba compõe a equipe de pesquisadores(as) em rede colaborativa com a UFTM, por meio do Gepeduc, com projeto financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Desde 2016, também desenvolve pesquisas ao lado do grupo Docência, Narrativas e Diversidade (Diverso), da UNEB, colaboração fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

Em todo o mundo, é crescente a necessidade de pensar aspectos teórico-metodológicos na pesquisa em educação – e não podia ser diferente! Discutir possibilidades metodológicas e sua diversidade

implica reconhecer que o campo da pesquisa em educação é repleto de travessias, entremeios e indagações.

É preciso, ainda, reconhecer a educação como área repleta de territorializações, desterritorializações e reterritorializações, em permanente movimento. Cartografar esses processos, como mostram Deleuze e Guattari (2010) é contribuir para uma abertura – conexões dos campos do conhecimento, sem planos de fechamento – que transcende a homogeneização de um modo único de fazer pesquisa. Temas abertos produzem rizomas com várias possibilidades de entrada, que podem nos desterritorializar, ou seja, apontar para linhas de fuga.

As pesquisas aqui reunidas, marcadas por experiências ancoradas no real, procuram saídas para o campo da educação. Para isso, buscam criar novas territorialidades por meio de ações coletivas, impelindo-nos a movimentos de reterritorialização, com calma e paciência, sem esquecer os obstáculos. Cartografar esse processo – juntando pedacinhos e miudezas que encontramos nos territórios em que as contradições ficam evidentes – é uma prática de resistência, de olhar crítico e enfrentamento. Nesse trabalho de cartografia, perder-se e não achar o caminho de volta não é negativo, mas potente. Com os pedacinhos encontrados pode-se inventar mundos e compreender nosso inacabamento como professores(as)-pesquisadores(as) marcados(as) pela busca de novas rotas emergentes.

A emergência também se materializa devido às lacunas da formação inicial de professores(as) no que diz respeito à pesquisa em educação. Assim, ao refletir acerca da produção do conhecimento teórico-metodológico em educação, consideramos o campo da prática como ponto de partida e de chegada. Teoria e prática são

fenômenos de uma mesma realidade, e por isso mesmo imprescindíveis na pesquisa implicada e engajada.

As possibilidades metodológicas nos remetem a dois aspectos: a diversidade e o rigor teórico e ético. Qual perspectiva teórico-metodológica deve ser utilizada na pesquisa? Qual se adapta melhor ao problema que estamos investigando? Essas perguntas devem permear a pesquisa, uma vez que é necessário adequar o método e o dispositivo de análise à investigação, e não o inverso: “forçá-los” para que respondam às ideias do(a) pesquisador(a). Nesse sentido, o movimento de desterritorialização é importante, pois, ao se lançar na pesquisa, o(a) pesquisador(a) precisa estranhar a espacialidade cotidiana, despindo-se de preconceções fixadas e demarcadas, envolvendo-se em um movimento de reterritorialização a fim de criar o novo, a diferença, sempre de modo coerente com o problema de pesquisa e os objetivos propostos.

Dado o hibridismo aqui assumido, cumpre avisar que tomamos a concepção de “dispositivo de construção de dados”, e não “técnica” ou “instrumento”, nem “coleta”, pois as pesquisas apresentadas se ancoram na abordagem qualitativa. Nesse tipo de pesquisa, dado seu cunho interpretativo, destacam-se as subjetividades, narrativas, vozes, odores, imagens, cartas, entrevistas, diários, vídeos e fotografias que compõem o processo investigativo e permitem ver com outros olhos – híbridos e fluidos – o objeto de estudo.

Dispositivos são criados, forjados, inventados criativamente pelos(as) professores(as)-pesquisadores(as). São, portanto, autorais. Partindo de Deleuze (2009), compreendemos esses dispositivos como meadas, conjuntos de linhas com fios de distintas naturezas que, lançados em campo, vão tomando contornos

heterogêneos diante do objeto de estudo para responder a processos investigativos plurais.

No dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos – como o objeto de estudo, o sujeito, a linguagem etc. Seguem direções e traçam processos e rotas que estão sempre em desequilíbrio. Estes ora se aproximam, ora se afastam uns dos outros, em um hibridismo que configura o movimento nômade em que tecemos a pesquisa, arrematando fios e linhas comuns e fugidias, sem forçar uma entrada única, sempre em aberto, mas com ética e rigor (DELEUZE, 2009).

Esse estranhamento da realidade vivida nos proporciona experiências inusitadas, que descortinam olhares para o novo, para descobertas, para o inédito. O(a) pesquisador(a) que se permite viver não só descreve, mas analisa, critica, posiciona-se, põe-se em análise e propõe alternativas para o problema de pesquisa investigado, em um movimento de ir e vir em que se desterritorializa e se reterritorializa várias vezes.

Qualquer que seja o referencial adotado, a realidade não pode ser apreendida diretamente. Essa apreensão depende do recorte feito pelo(a) pesquisador(a). Mas como “[...] escapar da mesmice [...]”, do lugar comum? (D’AMBROSIO, 2004, p. 21).

Um caminho apontado por D’Ambrosio (2004) é o da pesquisa qualitativa, que lida com pessoas e ideias buscando sentido nos discursos e narrativas e propondo os “próximos passos”. Nela, o caminho metodológico é fundamental, determinante, mas não pode ser um regimento a ser seguido. A pesquisa qualitativa, segundo o autor, está em constante elaboração. Assim, o método se mostra adequado à pesquisa em educação, que lida com desafios de uma sociedade também em desenvolvimento constante.

Com os Ateliês de Pesquisa, realizados em 2017 em rede colaborativa, a semente da pesquisa foi plantada, não só com os(as) pesquisadores(as), mas com os(as) estudantes de graduação e, principalmente, no “universo da escola”, com os(as) professores(as) da educação básica. Os ateliês foram um processo de interlocução entre diversos olhares/lugares/tempos, permeados pelas contradições de um caminho que faz reluzir o poder das ações coletivas/colaborativas.

Foi por meio dos Ateliês de Pesquisa que esta rede inicial entre Minas e Bahia foi concebida. Com essa experiência, buscamos dar visibilidade e difundir o conhecimento produzido na área da pesquisa em educação. O objetivo era ampliar a colaboração entre pesquisadores(as) a partir do intercâmbio entre programas de pós-graduação e fortalecer o compromisso social com a educação básica, como prevê a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no seu Plano de Pós-Graduação 2011-2020 (BRASIL, 2010).

Além disso, os Ateliês de Pesquisa contribuíram para formar pesquisadores(as), considerando as orientações gerais do Plano Nacional de Educação (PNE), do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) e da Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI), que apontam para a necessidade de pesquisas comprometidas com a superação das desigualdades e assimetrias que marcam a sociedade brasileira. Os seis textos que compõem o presente livro, escritos em diálogo com os ateliês, se imbricam com esses objetivos.

O texto “O método cartográfico na pesquisa em educação: Ateliê de Pesquisa como dispositivo formativo”, das autoras Ana Lúcia Gomes da Silva e Váldina Gonçalves da Costa, discorre sobre uma pesquisa de natureza qualitativa fundamentada em estudos pós-críticos e questiona: quais as principais contribuições do método da

cartografia e do Ateliê de Pesquisa como dispositivo formativo e autoformativo na pesquisa educacional? As autoras apresentam novas formas de fazer pesquisa em educação e cartografias elaboradas coletivamente nos ateliês. Além disso, apontam o *modus operandi* desses ateliês, relacionando a teoria e a operacionalização do método colocado em prática com docentes da educação básica, sem deixar de descrever as limitações do dispositivo.

Já o artigo “O método da cartografia na pesquisa em educação: cartografias em aberto”, de Jacy Bandeira Almeida Nunes, Josianne da Silva Lima e Lucemberg Rosa de Oliveira, propõe um ensaio teórico-metodológico com o objetivo de apontar o potencial da cartografia na pesquisa em educação por meio do Ateliê de Pesquisa. O trabalho, imbricado nas investigações individuais e coletivas dos(as) autores(as), debate as implicações dos ateliês na educação básica e nas discussões teórico-metodológicas da pesquisa em educação. Construindo “trilhas” ao longo do texto, os(as) autores(as) apresentam experiências a partir da “política da narratividade”, nas quais os ateliês foram se constituindo coletivamente entre os sujeitos participantes da pesquisa. Os(as) autores(as) concluem que o método cartográfico e os ateliês intervêm nos conflitos e nas demandas escolares a partir da narratividade, da socialização e da cotidianidade, compondo mapas em constante construção, com trilhas fluidas, significativas e criativas.

O texto “La investigación-acción: modelo de investigación y contribuciones a la formación docente”, de Marta Anadón, reflete sobre a investigação-ação (I-A) como modelo que contribui para a formação docente. São apresentados diversos significados do termo, mostrando que a I-A pode se realizar *na* ação, *para* a ação e *como* ação, integrando práticas de investigação com práticas sociais.

A autora descreve os fundamentos epistemológicos da I-A, afirmando que ela “[...] é uma espiral de ciclos de pesquisa e ação [...]”. Anadón ainda discute como a I-A pode, no âmbito da formação docente, teorizar a prática e construir conhecimentos que se articulam com a ação.

O texto “El pensamiento crítico en la formación de profesores en educación a distancia”, de Jaime Andrés Torres Ortiz, usa o método etnográfico e a hermenêutica como dispositivos interpretativos para analisar dados sobre formação docente e formação humanística. Partindo de sua convivência com uma comunidade educacional, o autor descreve e analisa experiências de um grupo de professores e alunos que fazem parte de um programa de graduação em educação básica na modalidade a distância. Torres Ortiz conclui que o processo possibilitou uma codificação aberta, axial e seletiva, apoiada na técnica interpretativa hermenêutica, descrevendo, relacionando e integrando categorias que interessavam ao estudo.

No artigo “Tematização como possibilidade de interpretação de dados nas pesquisas qualitativas: contribuições teóricas e metodológicas”, Helena Amaral da Fontoura, Maikson Damasceno Fonseca Machado e Nilcelio Sacramento de Sousa trazem recortes de uma pesquisa qualitativa, narrativa e de cunho (auto)biográfico, apresentando a possibilidade de analisar dados por meio da tematização do conteúdo. Os(as) autores(as) apresentam uma visão histórica sobre a análise qualitativa de dados e ilustram como se faz a análise de conteúdo por meio da tematização utilizando como exemplo entrevistas narrativas com quatro colaboradores. No texto, destaca-se a importância de se fazer escolhas diversas quanto a procedimentos de análise que se aproximem do objeto a ser estudado, realçando que a tematização é um dentre vários caminhos possíveis.

Por fim, o trabalho “História oral e o trabalho com narrativas na pesquisa em educação”, de Diego Carlos Pereira, visa contribuir com as discussões acadêmicas sobre as relações entre história oral e formação de professores. O artigo parte da pesquisa do autor com professores formadores de alguns cursos de licenciatura na cidade de Uberaba, Minas Gerais, e de discussões e reflexões coletivas junto ao Gepeduc nos Ateliês de Pesquisa realizados entre 2015 e 2017. Pereira apresenta as etapas de uma pesquisa em história oral, elucidando como esta é propulsora de narrativas para pesquisas na área de educação, oferecendo possibilidades de indagação acerca das realidades distintas em que emergem aspectos culturais entremeados das singularidades dos sujeitos imersos nos processos educacionais.

Desejamos que a leitura desses textos gere inquietações que levem a caminhos tortuosos, mas ousados, para se fazer pesquisa em educação. Esperamos que os leitores se desterritorializem e reterritorializem na busca de suas cartografias de pesquisa, e que ao tomarem o “ponto de areia” como “ponto final” descubram a importância de estreitar laços entre diferentes perspectivas teóricas. E que a estrada seja natural, como a nossa, lançando areia ao vento com novas perguntas cujas repostas ousam não ter ponto final.

Assim, convidamos o poeta Manoel de Barros para colocar um ponto que, longe de ser final, nos convida a todos e a todas para a imersão na leitura e em outros desafios advindos da arte de pesquisar em educação, sobretudo na atual conjuntura educacional do país, que nega e estigmatiza políticas educacionais e sociais em vez de consolidá-las.

Deixemos Manoel de Barros (1989, p. 94), com sua licença poética, dizer por nós, (des)dizer, considerando a produção da pesquisa fecunda de desejos para (re)acender a esperança, lançando luzes

nos sombrios tempos em que vivemos, para nos acender como vaga-
-lumes, pesquisando, (re)procurando, criando rotas e linhas de fuga:

Escrever nem uma coisa
Nem outra –
A fim de dizer todas –
Ou, pelo menos, nenhuma.
Assim,
Ao poeta faz bem
Desexplicar –
Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.

Os organizadores

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. As lições de R. Q. *In*: BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*: antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 94.

BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. São Paulo: Art, 1989.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. *Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação [2016- 2022]*. Brasília, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Plano Nacional de Pós-Graduação*: PNPG 2011-2020. Brasília, DF: Capes, 2010. Disponível em: <https://capes.gov.br/images/stories/download/Livros-PNPG-Volume-I-Mont.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

D' AMBROSIO, Ubiratan. Prefácio. In: BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAÚJO, Jussara de Loiola (org.). *Pesquisa qualitativa em educação matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 11-23.

DELEUZE, Gilles. *O que é um dispositivo?* Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009. Disponível em: https://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo. Acesso em: 6 jan. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

PONTA de areia. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: M. Nascimento e F. Brant. In: MINAS. Intérprete: Milton Nascimento. São Bernardo do Campo: EMI-Odeon Brasil, 1975. 1 disco vinil, lado B, faixa 1 (4 min).

SEVERINO, Antonio Joaquim. Docência universitária: a pesquisa como princípio pedagógico. *Revista @ambienteeducação*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 120-128, 2009.

SOUZA, Pedro de. Agenciar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci (org.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 29-32.

Este livro se dirige a pesquisadores e pesquisadoras do campo da educação, estudantes de pós-graduação, graduação e interessados na área de metodologia da pesquisa que, como nós, são movidos pela paixão de suscitar distintos caminhos metodológicos próprios e apropriados da educação e sua dinâmica na realidade. O livro reúne diversos temas de interesse da área, apresentando abordagens metodológicas consideradas pioneiras, por tratarem de modo inventivo e peculiar, implicado e engajado, a pesquisa em educação. Pretende, pois, contribuir para que as pesquisas dessa área ousem criar, arriscar, rompendo grades, apontando atalhos, como estratégias que nos convocam a refletir sobre o significado da ciência que fazemos e experimentar esses conhecimentos ancorados no real. E não era para ser diferente!



<https://portal.uneb.br/eduneb>



Grupos de Pesquisa:



Apoio:

